

# PESQUISA BIOGRAFEMÁTICA: ESCRITA DE VIDA

Autor: Cristiano Bedin da Costa<sup>1</sup>  
Orientadora: Sandra Mara Corazza

## Resumo

Com Roland Barthes, definimos o biografema como uma pequena unidade biográfica, um traço distintivo de um biodiagrama, que é a biografia. Tais traços, cuja particularidade se dá pelo fato de serem detalhes foscos e necessariamente vazios de sentido, constituem os espaços silenciosos de uma vida, e não podem ser vistos como uma verdade objetiva, mas sim como uma anamnese factícia que emprestamos àquele que amamos e cuja vida, pelo texto, agora escrevemos. Por essa via, uma pesquisa biografemática teria como objeto pormenores isolados, capazes de compor uma biografia descontínua e que difere da biografia destino, onde tudo se liga, fazendo sentido. O presente trabalho pretende discutir de que modo, em um exercício de pesquisa e escrita biografemática a partir de um determinado autor e de seu Texto, trata-se não da construção de uma simples narrativa, mas sim de uma impostura, de um verdadeiro procedimento de invenção, uma vez que a vida é aquilo que deve ser escrito, e não algo com o qual a escrita deva buscar alguma adequação.

**Palavras-chave:** Biografema; Escrita; Corpo; Texto.

## Introdução

Em *Sade, Fourier, Loyola*, Roland Barthes escreve:

**Se eu fosse escritor, já morto, como gostaria que a minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigo e devoto, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: 'biografemas', cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, à maneira dos átomos epicurianos, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão. (BARTHES, 1995, p.12).**

A partir da noção sugerida pelo autor, podemos definir o biografema como uma pequena unidade biográfica, um traço distintivo de um biodiagrama, que é a biografia. A particularidade desses traços se dá pelo fato de serem vazios de sentido, detalhes insignificantes que constituem os espaços silenciosos de uma vida. O biografema nunca é a verdade objetiva, mas sim uma anamnese factícia que empresto àquele que amo. A Pesquisa biografemática teria então como objeto pormenores isolados, capazes de compor uma biografia descontínua. Esta biografia difere da biografia destino, onde tudo se liga, fazendo sentido. “O biografema é o detalhe insignificante, fosco; a narrativa e a personagem em grau zero, meras virtualidades de significação” (PERRONE-MOISÉS, 1985, p.15). O presente trabalho, em ressonância com os movimentos de minha proposta de Tese de Doutorado “Programa Fante: Experimentação biografemática de um corpo estrangeiro” (qualificada em 16/04/2010, PPGEdU/UFRGS), pretende discutir de que modo, em um exercício de pesquisa e escrita biografemática a partir de um

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: cristianobedindacosta@hotmail.com.

determinado autor e de seu Texto, trata-se não da construção de uma simples narrativa, mas sim de um verdadeiro procedimento de invenção, onde a vida é aquilo que deve ser escrito, e não algo com o qual a escrita deva buscar alguma adequação.

### **Metodologia**

Em um primeiro momento, recolher traços. Enquanto procedimento biografemático, esta pesquisa ocupa-se, então, de biografemas. Tal coleta já é uma criação, uma vez que o biografema não deixa de ser uma experimentação textual. Sempre o Texto, no Texto. O Texto que encontro, pelo qual perpasso, tecendo-o e por ele sendo tecido, levando-o mais adiante, até um novo encontro. É nesse sentido que um segundo movimento, propriamente operacional, encontra-se aí já em andamento, e é nesse sentido também que esta pesquisa é, em cada uma de suas etapas, um exercício de vida – corpo vivificado pela e na linguagem.

Se não o homem, o corpo-texto. Se não um esforço biográfico, então um exercício biografemático, de escrita conduzindo vida, fragmento por fragmento. O percurso da *escrileitura*, de uma leitura que se põe a escrever, desenvolve-se através de um entrelaçamento ininterrupto no qual a cada encontro são desfeitos os termos postos em relação. Em meio ao Texto, não há demarcação de limites entre o que é do autor e o que é do leitor ou, antes, o que é o autor ou o que é o leitor. É por contágio que se desenvolve uma certa textura, e a vida inscrita tem algo deste mesmo Texto, da vida que nele escorre e o fabrica com todas as vozes que o constituem.

Trata-se de uma fantasia tanatográfica. O apagamento do “eu” em benefício do Texto, a “abertura de um espaço onde o sujeito da escrita está sempre a desaparecer” (FOUCAULT, 1992, p.35). Como indica Barthes (2007, p.10), a escritura é, em suma e à sua maneira, uma vacilação do conhecimento, do sujeito. O que há é um vazio de fala, e é desse vazio que partem os traços isentos de sentido com os quais se escreve.

Por definição, o Texto é um gesto coletivo. Tecido de signos e citações anônimas, indiscerníveis, sem aspas, “um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação” (BARTHES, 2004, p.64) Assim, não pode ter outro movimento que não seja o da travessia, corpo que cresce por expansão vital e jamais organicista. Sempre na linguagem, só existe tomado num discurso, de tal maneira que mesmo estruturado, se mantém descentralizado, sem fechamento, sistema sem fim nem centro, que pratica o recuo infinito do significado e realiza o plural irredutível do sentido. Não se trata de dizer que há vários sentidos em um Texto, mas sim de que nele o que há é passagem, disseminação independente de qualquer interpretação. No Texto, pelo Texto, está-se sempre em um limite, e a vida que nele se inscreve está, necessariamente, destinada à mesma dispersão. Aquilo que se escreve, a matéria própria de um Texto enquanto escrita biografemática, constitui-se assim por uma infinidade de espaços vazios, turvos, a-significantes, que não deixam, seja pela escrita ou pela leitura, de ter essa condição.

### **Resultados e discussão**

O espaço biografemático pode ser delimitado através de dois pontos centrais de referência: o autor, o leitor. Sem saber onde está, um não deixa de procurar o outro, e essa busca constante é também a garantia do espaço criado. A “pessoa” do leitor não é necessária ao autor; a “pessoa” do autor não é necessária ao leitor. A necessidade do outro

se dá apenas pelo espaço da busca, pelo inacabamento do jogo, e nem mesmo sabemos onde o jogo tem início. Em uma volta, damos ao autor a obra, por poder dizer *o livro de, a obra de*. Em um espaço lúdico, é a obra a contribuição primeira, e é ela o que do autor o leitor irá encontrar – de certa maneira, é por esse encontro que o leitor entra no jogo, e se pode ser dito leitor, é por uma atividade de leitura, que é a contribuição segunda. O papel do leitor frente à obra, o que dela e nela irá se ocupar o jogo, é o que irá definir o próximo movimento. O leitor não retorna a obra ao autor. *O livro de, a obra de*, funciona como indicativo tópico, espécie de condição fabricada para o início de uma ciranda textual. Mesmo que procure, ele não o encontra. O espaço deve ser percorrido, nunca penetrado, e essa travessia já é ela própria a contribuição terceira, chamada *escreitura*.

O esquema de maneira alguma é exato. Mesmo se quisermos fixar os três pontos de referência, a linha de *escreitura* – que carrega consigo as linhas de leitura e escrita – não pode constituir-se de outra maneira que não pela composição dos elementos presentes em cada uma das partes do jogo. Tal traçado, por sua vez, não cessa de se debater contra os pontos limítrofes, recolhendo a cada novo encontro um novo traço a ser posto em uma nova relação. Se autor e leitor são necessários para a demarcação de um espaço, o que deles resta enquanto percorrem os limites do mesmo só pode ser pensado a partir de seus encontros, nunca enquanto pontos isolados. Autor e leitor fazem-se na travessia, e se é possível dar ao corpo-texto um espaço, este espaço não se define pelos pontos de referência que o delimitam, mas sim por aquilo que desses mesmos pontos escapa. Dizendo de outro modo, o espaço se estabelece sempre em um limite, *entre* um ponto e outro, constituindo-se como uma zona de indeterminação onde já não mais é possível dizer o que é de um e o que é de outro (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.37). O trabalho da *escreitura biografemática* reside aí, na composição dessa matéria anônima, dando-lhe alguma consistência.

### Conclusão

Não há descoberta do autor, e sim criação. Pela *escreitura*, pelo Texto. Enquanto experimentação, esta pesquisa não visa nenhum fim que não seja o seu próprio movimento. Um fim provisório, que diz respeito apenas ao que nela é traçado. Não vale como regra, e o saber que engendra é apenas uma perspectiva entre outras. Não há como fazer diferente. O corpo que se abre, desprendendo-se entre a leitura e a escrita, é sempre um corpo transitório, licenciado de qualquer estratificação que o aprisione. De um certo modo, os elementos que o compõem já indicam aquilo que nele se passa, ou seja, mapear seus movimentos é também inventariar seus termos, mesmo que os últimos não passem de nuances, meras cintilações de leitura.

Agradeço à CAPES e ao Bando de Orientação e Pesquisa.

### Referências Bibliográficas

- BARTHES, Roland. *O império dos signos*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.  
\_ *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.  
\_ *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.  
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs 4*. São Paulo: 34, 1997.  
FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, Passagens, 1992.  
PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Roland Barthes*. São Paulo: Brasiliense, 1985.